

# Uma semana com Arthur Omar e Eduardo Sued. Duas crianças pensando na morte

por Cezar Migliorin

Crianças não sabem que vão morrer; nada existe além do que elas podem ver, viver e, no máximo, intuir. O mundo infantil não encontra limites espaço-temporais, não se define em relação aos outros nem encontra limites para o seu poder; a morte não existe. Ter consciência da finitude é o limite desse estado infantil, o homem deixa de ser criança quando se depara com o fim, ou com a possibilidade do fim. Entre a consciência do fim e a sua negação encontra-se Eduardo Sued e Arthur Omar.

Durante uma intensa semana editei o vídeo *Palavras no ateliê*, dirigido por Arthur Omar, sobre o artista plástico Eduardo Sued. Em quatro horas de material gravado em uma tarde, Sued falou sobre suas mais recentes obras, sobre influências, sobre a vida e a morte. No meu primeiro encontro com Arthur Omar ele mostrou-se muito empolgado com o que havia filmado, falou sobre o vídeo e mostrou-me algumas

seqüências para que eu tivesse uma idéia da abordagem que ele havia adotado. “Você sabe quem é o Sued?”, perguntou-me logo que cheguei. “Um pintor de retas e cores”, respondi ingenuamente. Elevando a voz e satisfeito com o que teríamos pela frente, Omar disse que “Isso é o que todo mundo pensa que é o Sued!”, revelando uma importante abordagem que ele faz da imagem e do objeto captado. Uma desconstrução, uma luta contra o que se apresenta pronto. O Sued conhecido não interessa; ele procurou um outro, um Sued com questões profundas sobre a vida e a morte. Dirigiu o pintor até tê-lo inteiramente solto; em uma das

seqüências vemos o pintor deitado em seu quarto, dormindo de bermudas. Nenhuma tela foi mostrada nos 56 minutos de filme. O tempo de gravação de cada seqüência era determinado pelo próprio diretor, o que obrigava Sued a falar enquanto o diretor não cortasse, o que gerou redundâncias extremamente ricas ao mesmo tempo que provocava um aprofundamento do pintor em relação às obras que eram mostradas. No final de cada seqüência as questões fundamentais tais voltavam: vida, morte, liberdade. Questões que parecem fundamentais para o próprio Arthur.

Tínhamos uma semana para editar o vídeo, muito pouco tempo para se fazer um filme de quase uma hora. Arthur havia me prevenido de que usáramos planos longos, o que facilitaria a edição. No terceiro dia, depois que vimos todo o material e o colocamos para dentro do computador, começamos a edição. O primeiro corte: vemos o jardim da casa de Sued, e sua voz em off diz: “Esse é o jardim”. Fiz o corte, que me pareceu bom. Arthur gostou e deu-me logo uma noção do que teríamos pela frente: “Coloca ele falando três vezes o off ‘Esse é o jardim’”. Não vamos acabar nunca, pensei eu. Mantive a calma – algo fundamental para o montador, embora nem sempre possível –, e fomos em frente. Logo entendi que Arthur sempre soube que terminaríamos no prazo, o que efetivamente aconteceu.

A liberdade de Arthur Omar durante a edição do vídeo era contagiante. As decisões eram tomadas de maneira muito rápida e intuitiva, ao mesmo tempo em que o vídeo ia construindo-se a partir de idéias

“É uma merda ser artista”  
Arthur Omar